



Castigo merecido, castigo em plena Páscoa*

Meir Kucinski**

São Paulo, Brasil

Eu já contei como a literatura iídiche me salvou em um momento de necessidade, em uma situação de perigo, e me livrou de ser espancado por criminosos assassinos, quando eu era o único prisioneiro político na prisão de Włocławek entre uma multidão de criminosos violentos e enfurecidos. Mas, de alguma forma, parecia que eu estava destinado a sobreviver.

Hoje, confesso meus pecados. Foi tudo justo e merecido, devido à minha ideologia política, pelos meus elevados princípios...

Havia apenas seis pequenos ladrões na minha cela. O chefe corrupto e subornado me colocou entre os criminosos mais quietos e calmos. Eu era o único sionista trabalhador de esquerda (membro do *Poalei Tziyon*)¹ na prisão e talvez o único em todas as prisões polonesas. Como você deve se recordar da minha história anterior, eu fiquei como o único “político” na grande prisão de Włocławek. Os comunistas que estavam em prisão preventiva foram libertos após uma greve de fome contra a administração e contra os presos criminosos, e eu fiquei para cumprir minha sentença de 2 anos. A história que vou contar aqui aconteceu há 41 anos, em abril de 1928, no quarto mês da minha prisão.

Os seis ladrões – meus companheiros de cela – eram realmente pessoas miseráveis, desgraçadas: silenciosas, excluídas e marginalizadas – presos comuns, sempre em risco de serem agredidos pelos guardas ou pelo ambiente do cárcere. Eram pessoas que tinham pouco a perder, e por isso mesmo muito a temer... Um deles, lembro-me, era um menino

* Publicado em *Der Nayer moment [O Novo Momento]*, a 2 abril de 1969.

** Escritor e professor. Nascido na Polônia, em 1904, emigrou para o Brasil em 1935, estabelecendo-se em São Paulo, onde faleceu em 1976.

¹ *Poalei Tziyon* [Trabalhadores de Sião] foi um movimento de trabalhadores judeus marxistas-sionistas fundado em várias cidades da Polônia, Europa e Império Russo por volta da virada do século XX, depois que o *Bund* rejeitou o sionismo em 1901. O *Bund* (abreviação de *Algemeyner Yidisher Arbeter Bund in Lite, Poyln un Rusland* – União Geral dos Trabalhadores Judeus na Lituânia, Polônia e Rússia) foi um partido socialista judaico fundado na Rússia em 1897. Após certo desenvolvimento ideológico, foi associado à devoção ao iídiche, ao autonomismo e ao nacionalismo judaico secular, prevendo a vida judaica como vivida na Europa Oriental, fortemente oposta ao sionismo e a outras concepções de uma identidade nacional judaica mundial (N.T.).



pequeno, pele e ossos – sempre absorto. Como que perdido em pensamentos. Todo dia. Quietinho no seu canto, cantando um repertório melancólico de músicas tristes. Ele já estava no 12º ano dos 13 que tinha para cumprir por roubar um pedaço de linguiça de porco. Ele foi preso porque quebrou a vitrine. Com fascinação, eu costumava ouvir o canto desse asceta, cujo rosto ossudo era coberto por uma cor rosada, como se ele tivesse acabado de tomar um gole. Mas a cor não vinha da bebida, mas de algo que o consumia por dentro...

Uma vez eu perguntei discretamente, e de forma um pouco bajuladora:

— Senhor Volkaush! Como aguentou 12 anos na prisão? Não é pouca coisa: 12 anos?!

Volkaush parou de entoar suas cantigas. Ele me olhou com seus pequenos olhos esbugalhados de rato. Eles pareciam zombar maliciosamente da minha pergunta, e me respondeu assim:

— Quando recebi meus 13 aninhos, abri meu cofrinho e os coloquei lá dentro, os aninhos... Coloquei os aninhos e tranquei o cofrinho. Só deixei de fora um aninho pequeno. Quando terminei de cumprir esse um aninho pequeno, fui até o cofrinho, abri-o e tirei um segundo aninho pequeno e cumprí esse aninho, leve como um passarinho. E assim, cantando e como dono do meu próprio cofrinho, cumprí meus 12 aninhos e agora estou no último...

Não posso me expandir muito sobre os outros colegas de cela. Todos eram emotivos e choravam, mas de maneira silenciosa, até com uma certa ternura – de modo sincero. Ainda me lembro até hoje de como um deles, Matsejak, costumava subir na mesa de madeira e imitar de forma teatral seu discurso de aldeia, sempre começando com “Vontade de D’us”, ou seja, “O Senhor disse assim e assim...”. Outro era só pele e osso, tendo passado décadas em prisões, sendo 6 anos na mundialmente famosa Sing Sing. Por isso, ele era chamado de “Sing-Sing”. Com pequenas bochechas coradas e uma palha sempre na boca, como uma criança pequena, ele costumava subir no muro ao lado do pátio após o café da manhã e sentar-se ali como um macaco em uma árvore, contando para a cela o que via do lado de fora através da fenda entre as chapas e o muro. Era, como já disse, o mês de abril. Primavera. Uma inquietação dominava então o ser humano encarcerado, até mesmo o mais calmo.

Sing-Sing de repente pulou da janela com uma alegria imensa:

— Os estorninhos já chegaram! Os estorninhos!

Eram as andorinhas que tinham retornado de terras distantes... E eu caí no estado de espírito de *Pessach*. Veio-me à mente o versículo do *Cântico dos Cânticos*: “O inverno passou, a chuva acabou e foi-se; a voz da rola já se ouve em nossa terra...”. Então, eu precisava ter medo de ladróezinhos tão poéticos, filosóficos e brincalhões?!



Alguns dias depois, Sing-Sing, com o dedo na boca, me faz um sinal da janela: ele estendeu sua mão enrugada e eu vi que na entrada da prisão estava a figura compacta do secretário da comunidade, o *Kehillah-Sekretar*. Eu não o conhecia pessoalmente. Sing-Sing imediatamente percebeu: ele veio para registrar na cantina da prisão o número de prisioneiros judeus, para fornecer-lhes uma refeição de *Pessach* – *gefилte fish*, *matzá*, bolinhos e frango. Provavelmente havia na prisão, entre os 300 a 400 prisioneiros, um número considerável de nossos irmãos, filhos de Israel. Alguns deles, com o “Rabi Aba” à frente, eu conhecia. O “Rabi Aba” era um judeu respeitável, um chefe de família, mas de profissão um ladrão, um batedor de carteiras, um *dalinyosh* (desprezível) – que é como ele era chamado. Era para ele e seus amigos judeus, que haviam transgredido várias leis da Torá, que a comunidade se preocupava em proporcionar um *Pessach* alegre e festivo na prisão!

Inicialmente, isso me deu prazer, uma sensação de calor me envolveu: judeus... judaísmo... Além disso, lembrei-me que eles eram os religiosos, sob a liderança do falecido Henoch Yanover² abençoado seja sua memória, o líder dos ortodoxos na comunidade de Włocławek, que de maneira notável apoiou a mim e meus amigos no processo político-jurídico – apoiando e subsidiando o advogado. Os sionistas burgueses tinham medo de fazer isso, mas o religioso Henoch Yanover não, e considerava isso uma *mitzvá* sagrada [mandamento sagrado] – “redenção dos cativos” – e, por intermédio dele, a comunidade fez uma contribuição significativa para nossas despesas de defesa. Tudo isso me veio à mente enquanto eu via o secretário da comunidade no portão. Mas meus sentimentos esfriaram com a aproximação do feriado.

Quero mencionar que nós, os *Poalei Tziyon* de esquerda, estávamos em oposição ao caráter religioso da comunidade... e defendíamos a separação da religião e suas práticas. Ela deveria se ocupar apenas de questões sociais e políticas. “Religião é um assunto privado e a comunidade deve funcionar como um órgão autônomo...”. Olhando para trás, não havia como justificar isso. A comunidade se reformou conscientemente, como um

² Henoch Yanover foi uma figura importante na comunidade judaica de Włocławek, Polônia. Ele era conhecido por sua erudição no Talmud e nas decisões rabínicas (*Poskim*). Yanover se destacou por sua modéstia e dedicação à educação, fundando o *cheder Yesodei HaTorah* (Fundamentos da Torá), onde muitos alunos cresceram para se tornarem grandes estudiosos da Torá. Além disso, ele desempenhou um papel significativo na vida comunitária, tornando-se presidente da comunidade judaica ortodoxa organizada pela Aguda (organização que representa os interesses dos judeus ortodoxos em várias questões sociais, políticas e religiosas), embora tenha recusado o título oficial. Seu rosto bonito e digno, sua longa barba branca, seus *peyots* [cachos laterais] e suas sobrancelhas espessas impunham respeito por toda parte, tanto entre judeus quanto cristãos (N.T.).



corpo religioso, e inconscientemente como um órgão autônomo... O ponto de vista era, como muitos outros, não totalmente independente, mas uma espécie de liturgia com outros grupos radicais no âmbito judaico. Havia um princípio de liderança. Mas vamos voltar àquele *Pessach* na prisão... O secretário da comunidade convocou todos os prisioneiros judeus e, no topo da lista, me colocou... Como se diz: quem na comunidade de Włocławek não se lembraria de Meir Kutchinski ao se enviar *matzá*, peixe-cheio e bolinhos para a prisão?

E lá estava novamente Sing Sing pulando da janela:

— Majosza, *dla ciebie*.³

Era a manhã do primeiro dia de Páscoa. Dois assistentes, com os portões da prisão amplamente abertos, trouxeram grandes cestas cobertas com toalhas brancas, cheias de alimentos pascoais. O aroma se espalhou e neutralizou um pouco o ar azedo e abafado da prisão com seu cheiro de banha de porco da cozinha. A diferença entre a comida pascal judaica e a sopa de porco camponesa é realmente indescritível... Entre os guardas e os ladrões, o desejo de comer e saborear foi despertado, e eles olharam com inveja para as cestas...

O cheiro invadiu minha cela. Como animais famintos, meus companheiros ladrões se reuniram para a refeição. Eles sabiam de antemão que eu compartilharia cada mordida, como meus amigos e minha mãe (que D'us a tenha) me ensinaram.

Por pura alegria, Matsejak pulou sobre a mesa e começou seu “Vontade de D'us”. Volkaush estava animado, sorrindo. O povo esfregava as mãos de felicidade.

Eu mesmo estava completamente desorientado, atordoado. Não disse uma palavra. No meu coração, havia uma – escuridão... Então, a porta da cela se abriu e o *clutchnik* (carcereiro) entrou alegremente:

— *Panie*⁴ Kutchinski, venha para a secretaria. *Włocławska Zgminy Żydowskiej* [Um pacote da comunidade judaica de Włocławek].

Matsejak e Volkaush queriam me acompanhar, mas o *clutchnik* não deixou. Eles disseram que eu não deveria ir sozinho para o segundo andar, onde estava o grande pacote da comunidade de Włocławek...

³ 'Meir(zinho), para você', em polonês. A terminação “-osza” é um diminutivo comumente usado para se tornar um nome mais afetuoso ou informal. Assim, *Majosza* seria um apelido ou uma forma carinhosa para alguém chamado Majer (N.T.).

⁴ A palavra polonesa escrita em caracteres hebraicos “עֲנָף”, “panie”, pode ser traduzida por “senhor” (N.T.).



Com passos hesitantes, desci até a secretaria. O cheiro de barba de porco subia. Do alho, do porco assado... A cesta branca e festiva do dia de *Pessach* estava ao alcance... O guarda me cumprimentou com grande respeito, estendeu as mãos e me desejou "um bom *Yom Tov*". Ele sabia por que eu estava ali e acrescentou:

— É tempo de redenção e aqui está uma porção honrada de alimentos pascoais da comunidade. De tudo o melhor. Inclusive quatro copos... — disse enquanto apontava para a tampa prateada de uma garrafa.

Ainda hoje, meu rosto queima de vergonha pela minha malsucedida adesão aos princípios. Pela minha reação mesquinha e antissocial naquela situação...

Agradeci ao assistente, recusando-me a aceitar o presente da comunidade e pedi ao escrivão da prisão (ele mesmo um prisioneiro) que escrevesse no livro da comunidade que o assistente tinha levado: "O prisioneiro condenado M. Kuczynski recusa-se, por motivos ideológicos, a aceitar a oferta religiosa da comunidade de Włocławek"... Se lá em baixo, na secretaria, houve uma catástrofe interna, ela só foi revelada publicamente em cima, na cela, quando voltei de mãos vazias. Certamente, eu estava preparado para a tempestade. Subindo as escadas, parecia que eu estava pedindo para que meus amigos me punissem. Que me punissem, que me punissem...

De repente, senti como se merecesse uma punição por zombar daqueles pobres coitados... por promover ideologia às custas deles. Não percebi minha falta de tato em relação à comunidade...

E foi como eu esperava (ou talvez não tanto...). Eles me seguraram pelas lapelas e me sacudiram. Quando tentei explicar que teria prejudicado o prestígio do meu partido ao aceitar o presente da comunidade religiosa, eles não conseguiram entender:

— Você é um tolo... Sua mãe e seus amigos te enviam comida para você se alimentar e você se comporta como um nobre...

E de repente, tapas e socos vieram de todos os seis companheiros de cela. O silencioso, pensativo e melancólico Volkaush foi o que mais me atingiu:

— *Darmozjad*...!⁵ Filho de um cão!

E seus olhos infantis azuis brilhavam como os de uma fera selvagem. Matsejak não ficou para trás e, com seu habitual "Vontade de D'us", atacou-me com uma garrafa, sempre de pé na mesa. Sing-Sing estava simplesmente admirado:

⁵ Em polonês, essa palavra é um termo informal, e é geralmente usada para descrever alguém de forma depreciativa, como alguém que não faz nada útil ou que não contribui com a sociedade de forma produtiva (N.T.).



— *Dlaczego nie wziąłeś?*⁶

Naquele momento, senti-me como um penitente recebendo chicotadas autoimpostas... Só quando o sangue começou a escorrer do meu nariz e dos meus olhos inchados, o carcereiro me libertou, arrancando-me das mãos deles. E quando a algazarra dos ladrões famintos se acalmou, pedi a um "grupo" de amigos do partido uma grande "wieżża"⁷ (garrafa de aguardente) e à minha mãe uma porção tripla de peixe, bolinhos e matzá. No final eu também celebrei *Pessach*. De fato, na segunda noite do *Seder*, celebrei com uma tigela do genuíno pão fermentado azedo da prisão, que aceitei com amor, como se fossem merecidas chicotadas...

דער נײָעַ מַאְמָעַנְט — סִיטּוֹאָךְ דָּעַם 2ָטָן אַפְּרִילְיָה 1969

מאיר קוטשינסקי

פֶּאֲרָדִינְטָעַס פְּלָעַג, פְּלָעַג לְנָנוֹזֶד פְּמָח

Tradução: Gilberto Gamer^{**}

gillberto@mail.com

Enviado em: 10/03/2025

Aprovado em: 30/04/2025

⁶ Em polonês, "Por que não aceitou?" (N.T.).

⁷ Em polonês, *wieżża* é uma forma coloquial ou informal para a palavra *wieża*, que significa "torre" (N.T.).

** Mestre em Administração de Negócios (MBA), pela Universidade de Otago, Nova Zelândia.